

# A persistência nos erros

Expedicto Quintas

08 JUL 1991

CORREIO BRAZILIENSE

Dentro da sequência natural dos fatos e situações vividos nos últimos 60 anos, o Brasil vem sendo atropelado por uma série de erros, submetendo-se a um perigoso adiamento na procura e no encontro de soluções duradouras. Nas diversas tentativas de ordenação da vida pública, os poderes constituídos de todos os níveis hierárquicos até aqui não conseguiram evoluir satisfatoriamente nos ajustes onde buscaram reverter o quadro de adversidades, hoje em posição dominante na paisagem brasileira. O que se constata é que a cada tentativa frustrada seguem-se novos malogros. Renovam-se compromissos, fazendo renascer a esperança de tempos melhores, sem contudo encontrar um rumo definitivo na busca da prosperidade e do desenvolvimento auto-sustentado.

A escalada de erros é vertical. Começa nos municípios, envolve os estados e chega até os patamares federais. Desde a reforma monetária efetivada pelo presidente Vargas, o País sofreu uma brutal cirurgia reparadora, perdendo nada menos de 12 zeros em suas bases fiduciárias, sempre sob condicionamentos, inadiáveis e imprescindíveis. Assim nasceu o cruzei-ro e todos os seus sucessores, sob cu-

jos domínios o Brasil evoluiu a sua população dos 41 milhões de 1940 para os atuais 150 milhões de habitantes, em 1991, numa desvalorização alucinada da ordem de quatrilhões. E dentro desse caos econômico e financeiro, a Nação acumula riquezas, paga salários e executa uma política de investimentos órfã de um padrão monetário estável. Ora, moeda é uma reserva de valor, ou, segundo Keynes, uma ligação entre o presente e o futuro. No caso brasileiro, ela perdeu esse sentido, introduzindo pela sua absurda desvalorização um fator de desequilíbrio com desastrosas projeções de incertezas nas relações entre o capital e o trabalho, na fixação dos índices de custo-benefício nas inversões públicas e na correta aferição do poder de compra dos salários e na avaliação das fortunas.

É óbvio que uma sequência de erros evolui, necessariamente, para um erro maior. A constatação, por isso mesmo, é elementar. Vivemos sob um esmagador somatório de equívocos, com tendências dominantes de manter essa propensão. A progressão dos erros é geométrica e a razão de acertos é aritmética. Tal descompasso exponencial representa uma taxa de riscos com potencialidades tetônicas em termos de estruturação política, de ordenação social e de evolução econômica.

Muitas, em sua complexidade e diversificação, são as causas determinantes, contribuindo para esse estado de coisas. Uma delas se destaca ao fixar-se a sua participação. O egocentrismo que prevalece no caráter dos nossos homens públicos, com o individualismo, a vaidade e a ambição política se sobrepondo às razões do Estado, com a vida pública sendo mobilizada para a afirmação pessoal ou em respaldo de projetos personalistas em perda de uma retomada do desenvolvimento em suas versões abrangentes.

O marketing político transformou-se no filho mágico para sintetizar a opção milagrosa da sobrevivência política, um elixir da longa vida para manter a evidência da liderança, sustentando-a a qualquer preço e a todo risco. Sem medir sacrifícios a serem impostos à Nação e ao povo.

A renovação dos quadros políticos vem se processando sob promessas e compromissos que não são traduzidos nas práticas administrativas e nos resultados alcançados, numa monótona e cansativa persistência na faixa dos erros, distanciando-se cada vez mais da prosperidade e se aproximando, em rota cega, de um campo minado, onde, por certo, as instituições democráticas não terão condições de sobrevivência.

E ainda assim persistimos no erro.